

# O leproso e o tesouro desconhecido

Contado por Eesha Sardesai

O homem estava sentado, como sempre fazia, à margem da pequena estrada de terra, que marcava os limites mais distantes da cidade. Uma camada fina de poeira cobria suas pernas salpicadas de manchas, e à sua volta estavam os poucos pertences que poderia reivindicar para si neste mundo — uma colher escurecida, algumas cascas de pão dormido, um pedaço de barbante desgastado.

Aquele trecho de estrada também era seu, de certa maneira. Uma cavidade já havia se formado na terra, no lugar onde ele se sentava e dormia, e ninguém se importava o bastante com o que acontecia nos arredores da cidade para expulsá-lo de lá. Sim, era um fato conhecido que ali o leproso da cidade passava seus dias, mendigando esmolas.

Houve um tempo em que esse homem viveu na cidade, e era na parte mais rica. Ele teve dinheiro e status, e frequentou muitas festas extravagantes. Mas isso foi antes de contrair a doença — antes de ser rejeitado, de forma súbita e sem cerimônias, pela sociedade que durante anos o tinha bajulado.

Agora, tudo o que ele tinha para exibir era este pequeno trecho de estrada onde se sentava, e as sobras e quinquilharias que havia coletado. Assim havia sido durante anos, e nada em sua condição havia melhorado durante esse tempo. Ele frequentemente passava fome. Seu corpo continuava a definhar.

O homem apanhou um graveto que estava por perto e, distraidamente, desenhou uns círculos na terra. Um casal que caminhava por ali jogou algumas moedas de cobre na sua direção, mal olhando para ele.

— Obrigado, obrigado — disse ele, daquele jeito obsequioso que ainda lhe parecia tão pouco natural.

Por acaso, olhou para cima enquanto falava, e seus olhos encontraram o casal. Ele achou que os reconhecia — com certeza já tinha visto a mulher em alguma das festas que costumava frequentar. “Como tudo chegou a este ponto?”, pensou desesperadamente. Voltou, então, a traçar formas com seu graveto. Sentia seus membros insuportavelmente pesados. Suas pálpebras começaram a se fechar...

Na manhã seguinte, um grupo de pessoas caminhava por esta mesma estrada. De início, não perceberam o leproso; depois de tantos anos, ele meio que havia se misturado com o ambiente à sua volta. Mas, então, um homem olhou para trás, e o que viu fez ele se virar novamente.

— Olhem! — disse ele para os companheiros, apontando para o leproso — Esse sujeito está... *morto?*

Todos correram para onde o leproso estava e o encontraram deitado de lado, imóvel. Parecia não respirar. Havia um graveto no chão, a alguns centímetros de onde sua mão repousava.

Depois de algum tempo, as autoridades vieram para levar o corpo e limpar a área. Trabalharam com rapidez para retirar as bugigangas que o leproso havia guardado para si. Mas, então, olharam para o lugar onde ele havia se sentado, uma leve depressão na terra.

— O homem tinha uma infecção — disse um deles — E ele se sentou aqui durante *anos*. Como vamos saber se a terra está limpa?

— Você está certo — comentou outra pessoa — A essa altura, os germes já se infiltraram no solo! Vamos precisar cavar essa terra e depois queimá-la, para ter certeza de que tudo aqui está livre de doença.

Então, no dia seguinte, os trabalhadores vieram com pás e enxadas e começaram a cavar. Já estavam nisso por cerca de uma hora — tempo suficiente para remover as camadas mais externas do solo e criar um pequena vala — quando ouviram um “*clank*” bem alto. Era o som da pá de metal batendo numa coisa dura. Uma pedra, talvez?

Um dos trabalhadores pulou dentro da vala para ter uma visão melhor. Ele bateu com sua pá no mesmo local. Outro “*clank*”. Com a mão, ele começou a remover a terra. Aquilo era... havia algo *cintilando*? Ele parou, esfregou os olhos para se certificar de que não estavam lhe pregando uma peça. Não, não havia dúvidas quanto a isso. Era um pontinho minúsculo enterrado fundo na terra, mas era de um metal amarelo e brilhante. Ele continuou removendo a terra, cada vez mais rápido. Uma grande e irregular pepita de ouro apareceu diante dele. Seus colegas ficaram boquiabertos.

Logo, os trabalhadores estavam alargando a vala. Pularam lá dentro para ajudar a escavar o tesouro. Todos os pensamentos sobre o leproso, os germes, a razão pela qual vieram até aqui em primeiro lugar, foram esquecidos. Aquela primeira pepita de ouro foi seguida por centenas, *milhares* de outras. Esta era uma autêntica mina de ouro, que se estendia em todas as direções, cujo ponto central parecia estar exatamente embaixo de onde aquele pobre homem se sentava.

— Dá para acreditar nisso? — disse um dos trabalhadores alguns dias mais tarde. Ele se debruçava sobre a pá, inspecionando o local com um membro de sua equipe. Grande parte da estrada havia sido escavada em busca de ouro; lembrava agora um labirinto subterrâneo, com pilhas de terra espalhadas aqui e ali, e homens gritando instruções ao som do “*clink-clink-clink*” de suas pás — Durante todo esse tempo, o leproso da cidade estava sentado sobre um tesouro tão grande, mendigando esmolas — O homem balançou a cabeça.

Uma suave brisa soprou naquele momento, e suspendeu um pequeno graveto que jazia ali, esquecido, na margem da estrada.



© 2024 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.